

PRECONCEITO RACIAL CONTRA A CRIANÇA NEGRA NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Priscila Manoel Barbosa¹
Lúcia de Fátima Oliveira de Jesus²
Rafael Alexandre Gomes dos Prazeres³

RESUMO

Este artigo compreende parte das análises desenvolvidas no trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, cujo objetivo foi o de investigar como ocorre o preconceito racial em uma escola pública na cidade de Teixeira de Freitas - BA. A metodologia utilizada foi à pesquisa qualitativa com uma abordagem etnográfica. Os procedimentos metodológicos foram: Observação, entrevistas, questionários e análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição de ensino pesquisada. O referencial teórico que ajudou a refletir sobre o trabalho foi: Brasil (2003); Menezes (2003); Silva (2008); Minayo (1994) entre outros autores que auxiliaram na reflexão sobre a legislação do estudo da história e cultura afro-brasileira nas escolas, os estereótipos negativos em relação as crianças negras no ambiente escolar e os conceitos e categorias utilizadas para explicar o problema investigado. Este estudo possibilitou conhecer como ocorre o preconceito racial na escola pesquisada, quais são os estereótipos racistas que são utilizados contra a criança negra e como a escola trabalha as questões raciais. Na escola pesquisada foram identificados estereótipos racistas negativos, que são utilizados para depreciar a imagem da criança negra, a escola e os professores discutem pouco sobre o preconceito racial contra a criança negra. Realizar o presente estudo foi de extrema importância por comprovar como a criança negra sofre preconceito no ambiente escolar.

Palavras Chave: Preconceito racial na escola; Estereótipos negativos; Ensino da história e cultura afro-brasileira.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma investigação sobre o preconceito racial em uma escola pública na cidade de Teixeira de Freitas – BA tem como objetivos identificar a existência de estereótipos negativos e como eles são utilizados para depreciar a imagem da criança negra na escola; verificar como a escola trata as questões que envolvem o preconceito racial, pontuando as ações e reações de professores e alunos no que diz respeito a esta questão na escola e na sala de aula. “A escola é responsável pelo processo de socialização infantil no qual se estabelecem relações com crianças de diferentes núcleos familiares. Esse contato diversificado poderá fazer da escola o primeiro espaço

¹ Pós-graduanda em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB/CAMPUS X

² Professora Doutora Orientadora do artigo. Universidade do Estado da Bahia da Bahia – UNEB/CAMPUS X

³ Professor Especialista Co-orientador. Universidade do Estado da Bahia da Bahia – UNEB/CAMPUS X



de vivências das tensões raciais” (MENEZES, 2003, p. 2).

O interesse pelo tema das relações raciais surgiu durante o curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/CAMPUS X. Os primeiros objetivos foram traçados através de discussões realizadas em sala de aula. Na profissão docente, não poderia deixar de fora as indagações de como cumprir a função social e educacional, de preservar e garantir um bom relacionamento entre as crianças em favor do ensino e da aprendizagem na sala de aula e na escola, com vistas a refletir sobre os problemas de preconceito e discriminação.

Nesse sentido algumas indagações foram pertinentes e articuladoras do estudo, tais como: Como evitar a exclusão e a rejeição das crianças negras na escola? Sabendo que as crianças estão em pleno desenvolvimento emocional, cognitivo e social, os processos de exclusão podem interferir no comportamento das mesmas, de tal forma que comprometa o processo de ensino e aprendizado?

Para refletir sobre estas questões recorri às ideias de autores estudiosos do tema como Waléria Menezes (2003); Silva (2008); entre outros que estabelecem a importância da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, para possibilitar a compreensão de como ocorre o preconceito racial contra a criança negra na escola.

Esse trabalho teve uma pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica, na qual foi utilizada observação de duas turmas de 3º ano do Ensino Fundamental I na escola pesquisada. Uso de questionários e entrevistas que foi aplicado para os alunos, professoras e coordenadoras pedagógicas. Foi utilizado também a análise do Projeto Político Pedagógico e o diário de campo, para coletar os dados da pesquisa e assim entender como a escola trabalhava as questões raciais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O racismo não é algo atual e advém do período da escravidão. O preconceito racial tem suas raízes no período da escravidão negra. Quando os negros foram tratados como mercadoria, eram totalmente submissos e propriedade do seu dono. De acordo com toda essa humilhação e exploração que ocorreu no período colonial foi se criando representações/imagens negativas sobre o negro brasileiro. No período colonial escravocrata, somente os negros realizavam trabalhos braçais e eram vistos como incapazes e submissos. Essa imagem justifica um conjunto de ações preconceituosas até os dias atuais.

Mesmo quando libertos, em 1888 pela Lei Áurea, quando houve a libertação legal da

escravidão, os negros não conseguiram ter os mesmos direitos que possuem os outros cidadãos. Portanto, a escravidão a qual os negros foram submetidos é refletida na desigualdade racial no Brasil de hoje.

Araujo 2010, explica que:

O escravo estava situado no mais baixo patamar daquela sociedade e era visto como inferior, sem humanidade e praticamente sem direitos. Sua função era exclusivamente servir a seu proprietário. Considerado tolo e incapaz de pensar, quando liberto foi discriminado e tratado como inferior aos cidadãos livres da sociedade: a sua cor era uma marca negativa e definida como uma condição imutável para a escravidão e para o trabalho braçal: cor negra e escravidão eram entendidas como sinônimos (ARAÚJO, 2010, p. 121-122).

O negro vem sofrendo esse preconceito devido à cor da sua pele, mesmo após o fim da escravidão. Ainda hoje, as pessoas negras são tratadas com inferioridade e devido todo o sofrimento que tal ato acarreta é como se elas carregassem as marcas dessa escravidão.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996 (LDB 9394/96) é a legislação que regulamenta a educação brasileira e abrange todas as modalidades de ensino. A LDB traz no seu artigo 26-A a Lei nº 11.645/2008, essa lei modifica a Lei 10.639/2003.

Brasil (2003) a Lei 10.639/2003:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra' (BRASIL, 2003).

A Lei 10.639/2003 foi criada para contemplar o estudo da História e Cultura Afro-brasileira e assim fosse discutido na escola de maneira mais precisa e clara. Dessa forma, a escola torna-se um local para respeitar e aprender nossa própria história.

A Lei nº 11.645/2008 além do estudo da história e cultura afro-brasileira acrescenta também o estudo sobre os povos indígenas e sua cultura. O negro e o índio na formação da cultura da



sociedade nacional. Então a Lei 10.639/2003 foi modificada/atualizada para a Lei-11.645/2008 para contemplar também os povos indígenas no que diz respeito aos conteúdos educacionais e históricos referentes a esses povos.

No ambiente escolar, as crianças negras em sua maioria sofrem com estereótipos racistas, piadas, frases que são usadas para humilhar e inferiorizar. De acordo com Silva (2002):

Estritamente ligados à questão do preconceito e da discriminação racial no Brasil, e embutido no próprio processo de aquisição da ideia, da ideologia de raça, do senso comum, os estereótipos dizem respeito às opiniões predeterminadas que afetam as relações interpessoais e são os fios condutores para a propagação do racismo. A ideologia do branqueamento se prevaleceu dos estereótipos para consolidar a imagem negativa do negro na sociedade brasileira (Silva, 2002, p.58).

Os estereótipos racistas tem o objetivo de desvalorizar e ridiculariza a imagem do negro. Não é difícil perceber que muitas crianças negras não gostam de se reconhecerem como tal, pois a imagem do negro está sempre associada aos estereótipos negativos. Isso pode causar na criança uma sensação de que ela não é bonita, que não é merecedora dos seus direitos e de seus valores humanos.

METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

Para a coleta de dados da presente pesquisa foi utilizado, observação da sala aula que teve duração de 40 h, entrevistas com uso de questionários aplicados para as professoras e os alunos, diário de campo e análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Foram entrevistas 4 educadoras, sendo 2 professoras de duas turmas de 3º ano do ensino fundamental I e 2 coordenadoras que trabalham no turno que a pesquisa foi realizada. Os nomes dos participantes da pesquisa foram substituídos por nomes fictícios para preservar os nomes verdadeiros dos participantes.

A entrevista com as professoras e coordenadoras questionou sobre o fato destas terem sofrido preconceito racial ou ter tomado consciência de alguém ou alguma situação de preconceito na escola. Três dessas educadoras responderam que sim. Ao serem indagadas de como teria sido tais preconceitos, uma das entrevistadas respondeu: “Sim, através de apelidos ofensivos e exclusão diante a recusa de realizar tarefas com os mesmos”. (Adriana, entrevistada em 20/10/15).

As professoras e coordenadoras da escola falaram em sua maioria que na escola pesquisada existe preconceito racial. Todas as educadoras entrevistadas identificaram apelidos que



são usados para depreciar a imagem da criança negra na escola e os estereótipos racistas.

Quando perguntado para as entrevistadas como a escola, a professora e a coordenação pedagógica discutem as questões que envolvem o preconceito racial, as respostas das professoras foram diferentes das respostas das coordenadoras. Uma das professoras disse que na escola não existe nenhum estudo que contemple a questão do combate ao preconceito racial. Conforme declarou Mônica em entrevista realizada em 20/10/15: “Nunca houve essas discussões acerca dos preconceitos na escola”. A outra professora não respondeu como a escola trata as questões raciais.

Já as respostas das coordenadoras foram que a escola discute as questões raciais. Em entrevista realizada em 20/10/15, a coordenadora Valéria declarou como: “Trabalhando temas de promoção humana, onde valoriza o ser de modo geral”. A segunda coordenadora também informou como a escola discute as questões raciais, “Através de textos reflexivos, conversa informal com a turma, histórias que abordem o tema racismo.” (Adriana, entrevistada em 20/10/15).

Sobre as estratégias dos professores e da coordenação pedagógica para trabalhar a questão do preconceito racial em sala de aula e na escola, as respostas das educadoras também foram diferentes. Enquanto a primeira professora respondeu que o tema era trabalhado a partir do “diálogo, as desculpas e às vezes passamos filmes relacionados com o tema para mostrar como isso machuca.” (Entrevistada, Mônica. 20/10/15). A segunda professora respondeu que deve se “estimular o debate em sala de aula sobre essas questões e apresentar a diversidade das visões de mundo”. (Rute, 20/10/15). A primeira coordenadora fala que as estratégias utilizadas são: “Roda de conversa, filmes, trabalho de valorização do negro na sociedade”. A segunda coordenadora também aborda as estratégias de “Mostrar aos alunos que a cor da pele, tipo de cabelo, entre outros, não diferenciam as pessoas”. (Adriana, entrevistada em 20/10/15). Para Silva, 2010:

O papel das pessoas que atuam diretamente na educação se torna imprescindível, no sentido de desconstruir no sistema educacional a imagem invertida que se tem dos negros no Brasil. Não se pode continuar compactuando com as ideias presentes no senso comum, que naturalizam o racismo e sedimentam o processo de seleção pela cor, contribuindo para o aumento das injustiças e da discriminação e para a manutenção do preconceito racial em relação aos negros no Brasil. Cabe à escola contrapor e oferecer possibilidades para que crianças, adolescentes e jovens negros construam uma justa imagem de si mesmo e do outro. (SILVA, 2010, p.36).

É preciso que a escola e os professores desconstruam a imagem negativa do negro, e isso pode ser o principal objetivo e assim a escola pode traçar estratégias para combater o preconceito racial nesse espaço.

Foi perguntado as professoras sobre o que consta no PPP (Projeto Político Pedagógico) da

escola a respeito das questões raciais? As duas professoras que participaram da pesquisa não souberam, então não responderam se o PPP da escola contemplava as questões raciais. As coordenadoras falaram que não consta diretamente no PPP as questões raciais. Sendo assim constatou-se que o PPP da escola pesquisada não contempla as questões raciais.

Sobre a questão do que constava no planejamento da escola sobre as questões raciais, as duas professoras entrevistadas não souberam responder e por isso não informaram. Enquanto as coordenadoras responderam a essa questão informando que a escola trabalha as questões raciais principalmente quando é o dia da consciência negra. Conforme entrevista realizada em 20/10/15 a coordenadora declarou que é com: “apresentações de capoeira, desfile de penteados afro etc”. A segunda coordenadora também focou na mesma prática citada pela primeira coordenadora.

Para Praxedes 2010:

Se não somos racistas nós devemos lutar contra ideias preconceituosas, trabalhando para que no espaço escolar todos tenham as mesmas oportunidades e sejam alvo dos maiores investimentos intelectuais e de recursos materiais e de nossa atenção afetiva. Superar o problema da discriminação racial na educação não é colocar capoeira, cabelo com trançinha ou feijoada no currículo; pode até passar por isso, mas deve antes passar pelo compromisso dos educadores de tentar qualificar os seus alunos negros para as mesmas posições ocupadas pelos alunos oriundos dos outros segmentos étnicos (PRAXEDES, 2010, p.46).

O único evento/estudo que a escola promove é o dia da consciência negra que acontece dia 20 de novembro com apresentações de capoeira e desfile da beleza negra, ou seja, os alunos negros da escola se inscrevem para desfilar no dia 20 de novembro, mas não é discutido mais nada sobre o tema durante o ano.

Quando foi perguntado para as coordenadoras e professoras, se existia algum conteúdo que levasse em consideração a Lei 10.639/2003 e o que constava no planejamento sobre as relações raciais, as mesmas disseram que a Lei não consta no planejamento. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. A escola não trabalha diretamente as recomendações da Lei 10.639/2003. Portanto, até a lei no Brasil reconhece conteúdos acerca da cultura negra e indígena devem contar do currículo escolar, como forma de combater os preconceitos que estes grupos humanos vêm sendo alvo, tanto na escola como na sociedade.

Foram realizados seis questionamentos aos dezesseis alunos investigados, acerca de questões como: Qual é a etnia que ele pertence, se já sofreu preconceito racial na escola; os apelidos mais usados para insultar as crianças negras na escola; se procedeu a alguma atitude de preconceito racial contra alguém na escola; ou mesmo se já se sentiu rejeitado por alguém neste espaço; se as

diferenças que as pessoas apresentam, em relação ao tipo de cabelo ou cor da pele faz alguma diferença para você e o que você aprendeu ou aprende em sala de aula, sobre como combater o preconceito racial.

Do total de alunos entrevistados sete se declararam negros, sete pardos e dois brancos. Quando perguntamos se presenciaram e quais foram os apelidos e estereótipos que já ouviram sobre os alunos negros na escola? Praticamente todos os alunos identificaram vários apelidos e dos 16 entrevistados, 15 revelaram que teriam ouvidos apelidos, como: Negra preta; preta; macaca; neguinha; preto; carvão; marrom; negro; bruxa; feio; saci; chocolate; a cor é feia; morena; horroroso; preto é ruim.

Estritamente ligados à questão do preconceito e da discriminação racial no Brasil, e embutido no próprio processo de aquisição da ideia, da ideologia de raça, do senso comum, os estereótipos dizem respeito às opiniões predeterminadas que afetam as relações interpessoais e são os fios condutores para a propagação do racismo. A ideologia do branqueamento se prevaleceu dos estereótipos para consolidar a imagem negativa do negro na sociedade brasileira (Silva, 2002, p.58).

Esses apelidos e frases que os alunos entrevistados identificaram acabam sendo comuns na escola e na vida dos alunos negros e são estereótipos negativos, usados como forma de discriminação racial, que colocam o negro como inferior. Esse processo leva a uma legitimação dessas ideias, como uma verdade no interior da cultura escolar.

Alguns alunos falaram que os apelidos que ouviram sobre os alunos negros foram saci e bruxa, esses apelidos vinculam o negro assim como seres sobrenaturais sem humanidade. Dos 16 alunos entrevistados, 11 falaram que não, nunca sofreu preconceito racial na escola e cinco alunos confirmaram que já sofreu esse tipo de preconceito. Estes últimos disseram ter sofrido preconceito, veiculados aos estereótipos, como bruxa, macaca, feio e negro.

A maioria respondeu que não tem nenhuma atitude de preconceito racial contra alguém na escola. Muitos afirmaram não sofrer preconceito racial, apesar de todos os estereótipos negativos racistas identificados nas falas dos mesmos e nos relatos de observação. Ao indagar os 16 alunos investigados se já haviam se sentidos rejeitados, em algum momento na sala de aula ou na escola, o resultado ficou dividido, 8 alunos falaram que já se sentiu rejeitado na escola e 8 alunos disseram nunca ter se sentido rejeitado por alguém na escola. Essa questão embora procurasse saber, sobre as formas mais sutis de manifestação do preconceito, como o silêncio, a indiferença, está longe de revelar a invisibilidade a que as crianças negras estão sujeitas na escola.

A maior parte dos alunos entrevistados revelaram suas preferências pelos “cabelos loiros” e

“peles brancas”, até quando disseram que gostava da cor “morena”, completavam falando que é melhor falar que é moreno do que preto. Porque será que as respostas não surpreenderam? Vejamos o que responde a autora:

A virgem Maria é branca nos livros, as fadas, as sereias, as mães, as professoras, são todas brancas e lindas nos livros, na igreja, no cinema, nas revistas e na TV. As crianças, os jovens os adultos, negros e mestiços, têm esse modelo imposto como o ideal a ser atingido, seja através das uniões interétnicas, seja através do branqueamento psico-ideológico, recalando e fracionando a identidade, através da rejeição da sua cultura e da sua estética (SILVA, 2004, p. 61).

Parece correto que as crianças cheguem à conclusão que a pele branca é mais bonita e queiram ser assim, elas veem as personagens principais em todos os lugares sendo representadas por brancos e isso não acontece com as pessoas negras, elas não são um ideal de beleza a ser atingido, pelo contrário são estigmatizadas pela cor da sua pele, pela condição social, são em verdade invisíveis.

A aluna Raquel, em entrevista realizada em 29/09/15, declarou seu gosto de cor de pele e tipo de cabelo: “Cacheado e pele preta, porque preto é sinal de gente trabalhador”. Quando a aluna fala que gosta da cor preta, porque preto é sinal de gente trabalhador, percebe na fala dela a condição social do negro, demonstrando o que vê habitualmente, os negros geralmente ocupam os piores empregos, como os trabalhos braçais.

O ideal de branqueamento se revelou neste estudo, é provável que os alunos entrevistados desejem ser brancos, uma vez que só o branco é valorizado, elogiado, enquanto o negro só é mostrado nas funções estigmatizados na sociedade. Em entrevista realizada em 01/10/15, o aluno João declarou seu gosto: “Cabelo loiro, porque é mais bonito. Cor branca porque é mais branquinha”. Enquanto a entrevistada Anne declarou: “Loiro e pele branca, porque é bonito branco”. “O branco é também associado a belo, puro, bom e inteligente, em oposição ao negro, associado ao feio, malvado, incapaz, com atributos físicos não-humanos e constituindo-se em minoria social”, diz (SILVA, 2004, p.38).

Diante do exposto pelos alunos, não pude deixar de perguntar sobre o que aprendem na sala de aula e na escola acerca do combate ao preconceito e ao racismo buscando perceber um pouco sobre como o tema é apresentado pela escola e pelos professores e se é apresentado e como chegam aos alunos e se chegam. Do total de entrevistados 14 falaram que não aprenderam nada e dois disseram que aprendem, mas não sabe o que e de que forma se pode combater o preconceito racial, ou que não se lembrava.



Para que haja uma valorização, um respeito pela população negra é preciso trazer para a sala de aula a sua cultura, a ser ministrada na escola, através de um planejamento organizado e que contemple realmente um lugar do negro na sociedade e sua valorização, enquanto ser humano, de tal forma que os alunos venham a conhecer a história dos negros no Brasil, com isso aprendam a respeitar os negros, no limite a respeitarem-se.

Foram alcançados os objetivos propostos deste trabalho, constatou que na escola pesquisada ocorre preconceito racial contra a criança negra e também foram alcançados os objetivos específicos, na qual foram identificados vários estereótipos negativos que são usados para depreciar a imagem da criança negra e foi verificado que a escola não trabalha adequadamente as questões raciais.

As professoras e coordenadoras pesquisadas disseram em sua maioria que a escola não trabalha diretamente as questões raciais, o tema é mais visado durante as comemorações do Dia da Consciência negra.

Verificou-se que a escola muito pouco contempla os conteúdos e reflexões acerca das questões raciais, os alunos e professoras pesquisadas afirmaram em sua maioria que não aprendem ou não sabem se a escola trabalha as questões raciais.

Os resultados da presente pesquisa se torna importante para os educadores e a escolas tenham uma maior atenção sobre as questões raciais na escola e que não apenas contemple essas questões somente nas datas comemorativas como em 20 de Novembro dia da Consciência negra e que tais questões se torne presente no planejamento de ensino e no Projeto Político Pedagógico.

Conclui-se pela importância e urgência no tratamento das questões raciais em sala de aula e na escola, observando-se as proposições legais e necessidade dos alunos. A relevância da introdução do tema das relações étnicas tanto na escola básica como formação dos professores e educadores.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Marivânia Conceição. **Cap. X Observações sobre as desigualdades raciais no Brasil.**
- COSTA, LUCIANO GONSALVES (ORG). **História e cultura afro-brasileira: subsídios para a prática da Educação sobre relações étnico-raciais.** Prefácio Paulo Vinicius Baptista da Silva. – Maringá: Eduem, 2010. 186 p.: il., fotos.
- BRASIL (2003). **LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.** Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm
- _____. (2008). **LEI 11.645, DE 10 DE MARÇO DE 2008.** Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm
- MENEZES, Waléria. **O Preconceito Racial e Suas Repercussões na Instituição Escola.** Caderno de Estudos Sociais. Recife, vol. 19 nº 1 p, 95-106. 2003.
- PRAXEDES, Walter Lúcio. A questão racial e a superação do eurocentrismo na educação escolar.
- COSTA, LUCIANO GONSALVES (ORG). **História e cultura afro-brasileira: subsídios para a prática da Educação sobre relações étnico-raciais.** Prefácio Paulo Vinicius Baptista da Silva. – Maringá: Eduem, 2010. 186 p.: il., fotos.
- SILVA, Ana Celia. **A discriminação do negro no livro didático.** Salvador: EDUFBA, 2004.
- SILVA, Ana Lúcia da. **Cap. XII O Ensino de História, a África e a cultura afro-brasileira na educação básica: Diálogos possíveis.** COSTA, LUCIANO GONSALVES (ORG). **História e cultura afro-brasileira: subsídios para a prática da Educação sobre relações étnico-raciais.** Prefácio Paulo Vinicius Baptista da Silva. – Maringá: Eduem, 2010. 186 p.: il., fotos.
- SILVA, Vera Lúcia Neri da. **Os estereótipos Racistas nas Falas de Educadoras Infantis : Sua Implicações no Cotidiano Educacional da Criança Negra.** Rio de Janeiro. 2002.